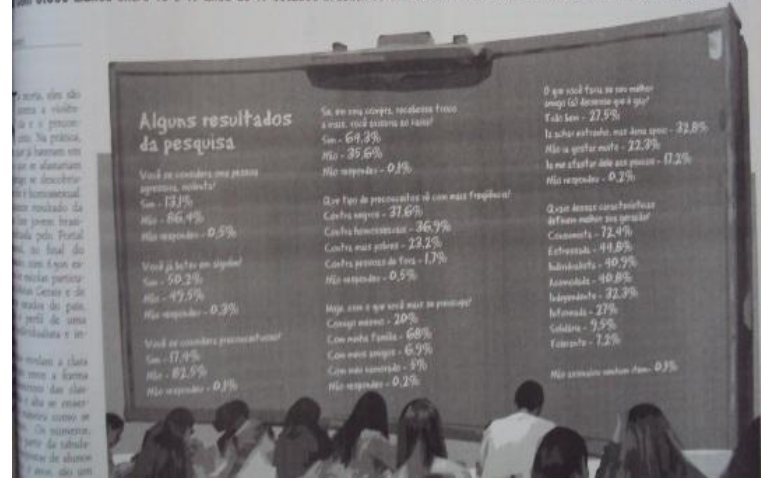


pesquisa revela preconceito e violência entre jovens

Com 6.500 alunos entre 15 e 17 anos de 17 estados brasileiros avalia atitudes e valores e mostra individualismo e intolerância



teoria, eles são contra a violência e o preconceito. Na prática, porém, já bateram em quem se afastariam dele e descobriam que ele é homossexual. Este jovem brasileiro, realizado pelo Portal Educacional, no final do passado, com 6.500 estudantes de escolas particulares de Minas Gerais e de outros 17 estados do país, traça o perfil de uma geração dividida e incoerente. Os dados revelam a clara divisão entre a forma de pensar e a forma de agir. Os números, a partir da tabulação das respostas de alunos de 15 e 17 anos, são um retrato da própria sociedade e do papel que cada um desempenha na construção da identidade e do comportamento.

Auto-imagem: como se veem. Os números, a partir da tabulação das respostas de alunos de 15 e 17 anos, são um retrato da própria sociedade e do papel que cada um desempenha na construção da identidade e do comportamento. 86% dos alunos responderam negativamente à pergunta sobre ser agressivo. 50% deles disseram ter agido contra uma pessoa. 82% dos meninos, o índice de preconceito, 82% dos jovens afirmaram não se considerar preconceituosos, de quase 40% deles revelado que não gostam muito da ideia ou se afastariam do melhor amigo se descobrisse que é gay, entre os garotos. Além disso, admitiram que se

Para educadores, pesquisa reflete

Maria Cristina Cavalcante de Albuquerque Carneiro, mestre em educação e coordenadora geral pedagógica do Colégio Granbery, explica que o comportamento da juventude, revelado pela pesquisa divulgada no Portal Educacional, é reflexo da sociedade adulta, que também está carente de referências morais e se vê afetada pelos acontecimentos do dia-a-dia, entre eles, a violência. Leda Maria Fernandes Mansur Lisboa, orientadora educacional do Colégio Academia, acrescenta que, por estar em processo de formação, o adolescente recebe a influência da cultura, e isso interfere em seu posicionamento. "Os jovens são fruto de um contexto social e, às vezes, responsabilizados por isso. Essa contradição mostrada pela pesquisa é reflexo da nossa sociedade. Hoje as pessoas estão cada vez mais individualistas, e não se vê espaço para a solidariedade. A vivência está em dissidência com o que se diz. O exemplo começa pelos adultos", afirma Leda. Maria Cristina afirma que a diferença entre conceito e atitude é justamente a prática. Segundo ela, para tornar o pensamento coerente com a vivência, é preciso construir com a criança, desde cedo, regras e combinados, investir na sua formação moral, ensinando a meninos e meninas a pensar não só em si, mas também no outro.

Autonomia moral De acordo com a orientadora pedagógica do Granbery, é necessário investir na construção da autonomia moral do indivíduo, para que ele tenha a capacidade de compreender as contradições em seu pensamento, possa comparar suas ideias e valores com os de outras pessoas, estabelecendo critérios de justiça e de igualdade que o ajudariam a decidir entre o certo e o errado. "A autonomia moral é feita não só pela família, mas pela sociedade.", afirma Leda. O papel da escola nesse contexto não pode ser ignorado, embora as duas educadoras ressaltem o limite das instituições de ensino. "Não adianta vir para a escola somente para aprender conteúdo. O aluno precisa ser preparado para a vida, mas não passamos todo o dia com a criança. Em casa, por causa da vida corrida dos pais, muitos não fazem esse acompanhamento da vida moral dos filhos", destaca Maria Cristina. Segundo Leda, além disso, nem sempre a influência da família resiste ao externo. "É preciso que as agências educadoras, família, instituições religiosas, clubes e grupos de iguais assumam o compromisso de

pesquisa reflete sociedade adulta

refletir sobre o destino desse adolescente.", afirma Leda. O papel da escola nesse contexto não pode ser ignorado, embora as duas educadoras ressaltem o limite das instituições de ensino. "Não adianta vir para a escola somente para aprender conteúdo. O aluno precisa ser preparado para a vida, mas não passamos todo o dia com a criança. Em casa, por causa da vida corrida dos pais, muitos não fazem esse acompanhamento da vida moral dos filhos", destaca Maria Cristina. Segundo Leda, além disso, nem sempre a influência da família resiste ao externo. "É preciso que as agências educadoras, família, instituições religiosas, clubes e grupos de iguais assumam o compromisso de refletir sobre o destino desse adolescente.", afirma Leda. O papel da escola nesse contexto não pode ser ignorado, embora as duas educadoras ressaltem o limite das instituições de ensino. "Não adianta vir para a escola somente para aprender conteúdo. O aluno precisa ser preparado para a vida, mas não passamos todo o dia com a criança. Em casa, por causa da vida corrida dos pais, muitos não fazem esse acompanhamento da vida moral dos filhos", destaca Maria Cristina. Segundo Leda, além disso, nem sempre a influência da família resiste ao externo. "É preciso que as agências educadoras, família, instituições religiosas, clubes e grupos de iguais assumam o compromisso de

especialista defende que as escolas precisam saber ensinar procedimentos e assumir o papel de recuperar e orientar essa geração

especialista defende que as escolas precisam saber ensinar procedimentos e assumir o papel de recuperar e orientar essa geração

Auto-imagem: consumismo e individualismo

Outra resposta que desperta a atenção é sobre as características que melhor definem esta geração: consumista, estressada, individualista e acomodada, nesta ordem, são os itens mais votados dos nove apresentados pela pesquisa. Características, como solidária e tolerante aparecem, no outro extremo, entre as menos votadas. Mais da metade

dos adolescentes confirmaram que nunca participaram de algum trabalho social ou comunitário. O fato de 88% dos estudantes admitirem que se preocupam pouco ou quase nada com os outros e, sim, com eles mesmos e suas famílias, reforça a afirmação anterior. Uma vez em casa, porém, 61% dos jovens preferem ficar sozinhos em seu canto, ao invés de dividirem o espaço com pais e irmãos. No quesito meio ambiente, quase a metade dos entrevistados considerou absurdo os problemas que ainda acontecem no país referentes ao tema, mas 87% admitem que já jogaram lixo na rua. O coordenador da pesquisa, psiquiatra e escritor Jailton Rouer, considerado uma referência no país quando o assunto é saúde e comportamento jovem, explica que o objetivo do trabalho é tentar entender melhor o que o jovem pensa sobre uma série de temas centrais da sua vida, fornecendo elementos para serem discutidos nas escolas e permitidos, a partir disso, a busca por mudanças que levem a uma vida melhor em sociedade.

Dados devem ser trabalhados em sala de aula

O Portal Educacional foi criado, há sete anos, com o intuito de disseminar nas escolas o uso de tecnologias inovadoras, possibilitando a criação de novos relacionamentos nas instituições de ensino e divulgação de informações acessíveis a todos que participam da vida escolar. Eliana Santos, que atua no departamento de apoio às duas mil escolas do país conveniadas ao portal, acrescenta que a intenção é utilizar a internet para que o aluno perceba a importância da participação dele no mundo. Com esse objetivo, o portal desenvolveu a segunda etapa da pesquisa. Este jovem brasileiro, para que os dados obtidos pudessem ser trabalhados em sala de aula. "Não adianta só identificar os problemas, mas é preciso fazer alguma coisa a partir disso. Os números da pesquisa fizeram com que lançássemos, este ano, uma campanha contra o preconceito, cujo o slogan é Todos iguais e todos diferentes. A partir dela, propomos uma série de atividades, textos e situações de discussão. Descobrimos, por exemplo, entre os vários tipos de preconceito, que a discriminação contra o aluno gordo é maior do que o preconceito racial, porque ser negro é natural e obeso não.", explica. Segundo Eliana, a campanha se alia a uma série de pequenas ações no presente que visam a mudanças no futuro. "Acredito que tudo que fizermos agora não é para essa geração. É muito importante que a gente trabalhe esses jovens para que sejam melhores pais."

alguma coisa a partir disso. Os números da pesquisa fizeram com que lançássemos, este ano, uma campanha contra o preconceito, cujo o slogan é Todos iguais e todos diferentes. A partir dela, propomos uma série de atividades, textos e situações de discussão. Descobrimos, por exemplo, entre os vários tipos de preconceito, que a discriminação contra o aluno gordo é maior do que o preconceito racial, porque ser negro é natural e obeso não.", explica. Segundo Eliana, a campanha se alia a uma série de pequenas ações no presente que visam a mudanças no futuro. "Acredito que tudo que fizermos agora não é para essa geração. É muito importante que a gente trabalhe esses jovens para que sejam melhores pais."

de disse que é gay, entre os garotos. Além disso, admitiram que se afastariam em ter vizinhos homossexuais. O fato de 82% dos jovens avaliados na pesquisa terem afirmado já serem vítimas de algum tipo de preconceito não modificar atitudes discriminatórias, já que muitos entrevistados consideram "inevitável" ter um preconceito ou outro.

Para educadores,

Maria Cristina Cavalcante de Albuquerque Carneiro, mestre em educação e coordenadora geral pedagógica do Colégio Granbery, explica que o comportamento da juventude, revelado pela pesquisa divulgada no Portal Educacional, é reflexo da sociedade adulta, que também está carente de referências morais e se vê afetada pelos acontecimentos do dia-a-dia, entre eles, a violência. Leda Maria Fernandes Mansur Lisboa, orientadora educacional do Colégio Academia, acrescenta que, por estar em processo de formação, o adolescente recebe a influência da cultura, e isso interfere em seu posicionamento. "Os jovens são fruto de um contexto social e, às vezes, responsabilizados por isso. Essa contradição mostrada pela pesquisa é reflexo da nossa sociedade. Hoje as pessoas estão cada vez mais individualistas, e não se vê espaço para a solidariedade. A vivência está em dissidência com o que se diz. O

Albuquerque Carneiro, mestre em educação e coordenadora geral pedagógica do Colégio Granbery, explica que o comportamento da juventude, revelado pela pesquisa divulgada no Portal Educacional, é reflexo da sociedade adulta, que também está carente de referências morais e se vê afetada pelos acontecimentos do dia-a-dia, entre eles, a violência. Leda Maria Fernandes Mansur Lisboa, orientadora educacional do Colégio Academia, acrescenta que, por estar em processo de formação, o adolescente recebe a influência da cultura, e isso interfere em seu posicionamento. "Os jovens são fruto de um contexto social e, às vezes, responsabilizados por isso. Essa contradição mostrada pela pesquisa é reflexo da nossa sociedade. Hoje as pessoas estão cada vez mais individualistas, e não se vê espaço para a solidariedade. A vivência está em dissidência com o que se diz. O